

A oração subordinada de adição

(The subordinate clause of addition)

Táisa Peres de Oliveira¹

¹Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

taisapoliveira@gmail.com

Abstract: The main goal of this paper is to analyze the adverbial clause of addition in order to identify its syntactic, semantic and pragmatic features. This relation is expressed in Portuguese by the prepositional phrase “além de”. The subordinate clauses of addition, which designate second order entities, are factual and have dependent temporal reference. They are of second order since they designate events that can be qualified in terms of its reality and can be located in time and space. They are factual as they present this event as real. They have dependent temporal reference because they are expressed by dependent verb forms, mainly the infinitive forms. As it concerns its patterns of ordering, the additive clauses take the pre-posed position to its main clause.

Keywords: relation of addition; semantic type; functional grammar.

Resumo: O objetivo principal deste trabalho é avaliar as orações adverbiais aditivas para identificar suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas. Essa relação é atualizada no português, principalmente, pela locução prepositiva “além de”. As orações subordinadas de adição se caracterizam por designarem entidades de segunda ordem, serem factuais e apresentarem referência temporal dependente. São de segunda ordem porque designam eventos que podem ser qualificados em termos de sua realidade e localizados no tempo e no espaço. São factuais na medida em que apresentam esse evento como real. Apresentam-se com referência temporal dependente porque se realizam com formas verbais dependentes, em geral as formas infinitivas. Com relação à ordem, a oração subordinada de adição realiza-se preferencialmente anteposta em relação à oração núcleo.

Palavras-chave: relação de adição; tipo semântico; gramática funcional.

Introdução

Embora a relação de adição tenha sido contemplada na descrição de orações coordenadas e correlativas, não há, para o português, estudos sobre as orações subordinadas com valor de adição. É, portanto, com o objetivo principal de se analisar esse tipo oracional que se propõe o presente trabalho. Para tanto, este artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente discute-se a noção de adição e apresenta-se o atual estado da arte para o português do Brasil; em segundo lugar, define-se a relação de adição, com base principalmente nos trabalhos de Hengeveld (1998) e Pérez Quintero (2002); em seguida, apresenta-se a teoria da Gramática Discursivo Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), e discutem-se os parâmetros semânticos adotados para análise; por fim, analisa-se a oração subordinada de adição no português.

Na análise levada a cabo neste trabalho, dois níveis de descrição linguística demonstraram-se especialmente relevantes para o estudo da subordinada de adição, principalmente para o entendimento das diferenças entre a subordinada de adição e as orações coordenadas e correlativas de mesmo valor: o representacional e o morfossintático.

A relação de adição

A relação de adição é tradicionalmente concebida como um caso de *coordenação*, processo sintático em que duas unidades oracionais autônomas vêm a constituir uma oração composta ou coordenada, tal como no exemplo em (1):

- (1) O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.
(BECHARA, 2004, p. 320)

As Gramáticas Tradicionais definem a relação de adição como um processo em que se “adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária” (BECHARA, 2004, p. 477). Em outras palavras, verifica-se nessas construções a soma de duas orações sem nenhum outro valor semântico agregado. Nesse processo, a conjunção *e* é considerado o expediente formal prototípico para atribuir o valor da adição. Ao lado dela, atua também o advérbio *nem*, para a construção da adição negatizada, como no exemplo:

- (2) Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.
(BECHARA, 2004, p. 320)

Ao avaliar as conjunções aditivas, Bechara (2004) chama atenção para o fato de que a relação de adição pode ser enfatizada – termos do autor – pelo emprego da expressão *não só... mas também*.

- (3) *Não só* o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.
(BECHARA, 2004, p. 321)

Também nas descrições linguísticas realizadas para o português, a relação de adição é usualmente tratada como caso de coordenação, como se vê, por exemplo, em Neves (1999). Para a autora, na adição evidencia-se a exterioridade dos segmentos coordenados e, a partir daí, acrescenta-se um segundo segmento a um primeiro. Em Neves (1999), levanta-se a possibilidade de a relação de adição ser marcada também por conjunções correlativas, como *não só... mas também* e *não só... como também*, como se vê nos exemplos da autora:

- (4) Pesquisador infatigável, estudava **NÃO SÓ** o organismo humano, **MAS TAMBÉM** o animal. (APA)
- (5) As mulheres também retornavam quase correndo, **NÃO SÓ** pelo frio **COMO TAMBÉM** pelo peso dos potes. (ABR)
(NEVES, 1999, p. 742)

Em casos como esses, considera Neves (1999) que são mantidas as características da interdependência e, principalmente, o binarismo, inerente à correlação. Especificamente sobre as correlativas de adição em português, Módulo (2008) afirma que a expressão *não só* é denotativa de negativa de restrição, daí a necessidade da expressão *mas também*, denotativa de inclusão, para a construção da adição.

O rótulo *adição* tem servido, assim, para identificar construções coordenadas e correlativas, não sendo associado à subordinação adverbial (cf. NEVES, 1999; NEVES et al., 2008). É em Hengeveld (1990, 1993, 1996, 1998) que encontramos a adição arrolada como um subtipo de oração subordinada adverbial, entendida como um processo em que uma oração encaixada descreve um evento que ocorre em acréscimo ao evento

da oração principal. Segundo Hengeveld, ilustra a subordinação adverbial de adição a seguinte oração:

- (6) *Apart from doing the cooking I look after the garden.*
'Além de cozinhar eu cuido do jardim.'
(HENGEVELD, 1998, p. ??)

Para Hengeveld (1998), em casos como o exemplo (6), é evidente a relação de dependência que a oração 'apart from doing the cooking' estabelece com a oração matriz. O estatuto da oração aditiva pode ser entendido, nesse caso, nos tradicionais termos de não autonomia sintática, já que, isolada da oração matriz, aquela tem seu sentido afetado. Daí, portanto, uma oração subordinada.

Outro trabalho que considera a subordinação de adição é encontrado em Pérez Quintero (2002, p. 98). Essa autora define a subordinada de adição como sendo "Orações adverbiais que expressam uma situação adicional àquela expressa na oração principal"¹ (PÉREZ QUINTERO, 2002, p. 65). Em seu trabalho sobre a subordinação adverbial em inglês, a autora chama atenção para a pouca produtividade desse tipo oracional: "Orações de adição formam um grupo pequeno no total analisado no cópuz"² (PÉREZ QUINTERO, 2002, p. 98).

Para ambos os autores, a oração subordinada de adição se caracteriza por ocorrer com formas verbais não-finitas, que confirma seu estatuto de subordinada, particularmente as formas do gerúndio, no caso específico do inglês:

- (7) **Beside** *riding* for £720 Pic prize money, the sixteen riders were also battling for nine places in the world final at Malno.
'Além de montarem pelo prêmio de 720 libras, os dezesseis cavaleiros também estavam lutando por nove vagas na final mundial em Malno.'
(PÉREZ QUINTERO, 2002, p. 98)

No que diz respeito a sua estrutura semântica, as orações subordinadas de adição do inglês se caracterizam por designarem entidades de segunda ordem, serem factuais, apresentarem referência temporal dependente e serem pressupostas, como discutem tanto Hengeveld (1998) como Pérez Quintero (2002). São de segunda ordem, já que designam eventos que podem ser qualificados em termos de sua realidade e localizados no tempo e no espaço. São factuais na medida em que apresentam esse evento como real. São pressupostas uma vez que o falante constrói a oração partindo do pressuposto de que seu ouvinte conhece a realidade do evento nela descrito. São, por fim, dependentes da referência temporal da matriz porque se realizam com formas verbais dependentes.

A Gramática Discursivo Funcional (GDF)

A Gramática Discursivo Funcional (GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), se caracteriza como uma teoria geral de organização das línguas naturais, que privilegia as relações funcionais em diferentes níveis de organização linguística. A GDF está organizada em quatro componentes: o *gramatical*, o *conceitual*, o *contextual* e o *de saída*. O componente

1 "Adverbial clauses which express a situation additional to that expressed in the main clause."

2 Clauses of Addition make up a very small number within the whole analysed corpus.

conceitual (*conceptual component*) contém as representações conceituais pré-linguísticas, e nele é formulada uma dada intenção comunicativa, convertida em representações linguisticamente relevantes. O componente de saída (*output*) é responsável pela expressão acústica ou gráfica da expressão linguística e depende das informações cedidas pelo componente gramatical, apesar de ser externo a esse. Por fim, o componente contextual (*contextual component*) contém uma descrição do domínio do discurso, englobando o discurso precedente bem como a situação externa em que ele ocorre.

No componente gramatical, proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008), distinguem-se duas operações principais na construção das expressões linguísticas: *formulação* e *codificação*. A formulação diz respeito às regras que convertem as representações cognitivas em representações subjacentes de ordem pragmática e semântica, respectivamente, os níveis interpessoal e representacional. Por outro lado, a codificação refere-se às regras que convertem essas representações em representações morfossintáticas e fonológicas, de onde serão encaminhadas para o componente de saída.

O modelo de análise elaborado pela GDF centra-se no componente gramatical, em que são distinguidos quatro níveis de descrição: (i) interpessoal; (ii) representacional; (iii) morfossintático; (iv) fonológico. Os níveis estão internamente organizados em camadas hierárquicas e são alimentados por um conjunto de primitivos, que definem as possíveis combinações de elementos para cada nível. As camadas têm sua própria variável e são restringidas por um núcleo (obrigatório) e por modificadores e, ainda, especificadas por meio de operadores e funções. A estrutura geral de representação das camadas em cada um dos níveis é dada a seguir. Nessa representação, α_1 representa a variável da camada correspondente, π_1 representa os operadores, σ_1 representa os modificadores e Φ , a função da expressão linguística em questão.

$$(\pi_1 \alpha_1 : [\text{núcleo}] (\alpha_1) : \sigma_1 (\alpha_1))_{\Phi}$$

No nível interpessoal, a expressão linguística é considerada segundo aspectos que estejam ligados à relação falante/ouvinte, tendo em vista, principalmente, que uma determinada expressão está associada a uma dada intenção comunicativa. A maior unidade de análise nesse nível é o *Move* (M), que pode conter um ou mais atos do discurso cuja estrutura interna é formada pelos participantes, representados pelas variáveis P_s (falante) e P_A (ouvinte³), pela ilocução (ILL) e pelo conteúdo comunicado. Este último deve conter, no mínimo, um subato, que pode ser atributivo (T), se o falante evoca uma propriedade, ou referencial (R), se o falante evoca uma entidade. A diferença entre os dois tipos está no fato de que, no primeiro, verifica-se a construção de um referente, ao passo que, no segundo, ocorre a identificação de um referente. A estrutura geral do nível interpessoal é dada a seguir:

$$(M_1 : [(A_1 : [(F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1 : [(T_1)_{\{\Phi\}} \dots (T_{1+N})_{\{\Phi\}} (R_1)_{\{\Phi\}} \dots (R_{1+N})_{\{\Phi\}}] (C_1)_{\{\Phi\}}]) (A_1) \dots (A_{1+N})_{\{\Phi\}}] (M_1))$$

No nível representacional, a expressão linguística é explicada segundo sua estrutura semântica subjacente. Na GDF, o termo **semântica** se restringe (i) ao modo como uma língua se relaciona com o mundo real ou imaginário que ela descreve; e (ii) ao significado de estruturas lexicais isoladas do modo como são usadas na comunicação. Nesse sentido,

³ P_s e P_A se referem à representação original para *speaker* ‘falante’ e *addressee* ‘ouvinte’, respectivamente, e será mantida por questões metodológicas.

Hengeveld e Mackenzie (2008) afirmam que, no nível representacional, as estruturas linguísticas devem ser descritas em relação ao fato de que denotam uma entidade e, portanto, a diferença entre as unidades desse nível é feita em termos da categoria denotada.

A categorização semântica adotada pela GDF parte da proposta de Lyons (1977); assim, além das conhecidas categorias conteúdo proposicional (p), estado de coisas (e) e indivíduo (x), os autores distinguem, ainda, as categorias episódio (ep), tempo (t) e lugar (l). Episódios se constituem como um conjunto de estados de coisas (e) tematicamente coerentes no que diz respeito à continuidade de tempo, espaço e indivíduos. A estrutura geral do nível representacional é dada a seguir:

$$(p_1: [(ep_1: [(e_1: [(f_1: [(f_2)_n (x_1)_\phi \dots (x_{1+n})_\phi] (f_1)) \dots (f_{1+n}) (e_1)_\phi] \dots (e_{1+n})_{\{\phi_1\}}] (ep_1)) \dots (e_{p_{1+n}})_{\{\phi_1\}}] (p_1))$$

No nível morfossintático, a expressão linguística (Le) é descrita conforme sua codificação morfossintática. Esse nível está organizado em esquemas morfossintáticos, estocados no conjunto de primitivos relevantes para a codificação morfossintática, e é mais específico que os anteriores, já que esses esquemas são determinados segundo as particularidades de cada língua. O conjunto de primitivos desse nível contém, primeiramente, os esquemas, que fornecem a estrutura da oração (Cl) e a ordenação dos elementos em uma palavra. O conjunto fornece ainda os operadores secundários e os morfemas gramaticais livres, tais como auxiliares e partículas gramaticais. A estrutura geral do nível morfossintático é:

$$(Le_1: [(Xw_1) (Xp_1) (Cl_1: [(Xw_2) (Xp_2: [(Xw_3) (Xp_3) (Cl_3)] (Xp_2))_{\{\phi_1\}} (Cl_2)_{\{\phi_1\}}] (Cl_1))] (Le1))$$

Por fim, no nível fonológico entram questões como a codificação fonológica e o padrão entonacional das expressões linguísticas. Nesse nível, a GDF avalia unidades fonológicas tais como o sintagma fonológico (PP), o enunciado (U) e a palavra fonológica (PW). A estrutura geral do nível fonológico é:

$$(U_1: [(IP_1: [(PP_1: [(PW_1)] (PP_1))] (IP_1))] (U_1))$$

Ao organizar a gramática na ordem *top-down*, a GDF procura refletir a lógica da própria produção linguística, que se inicia pela seleção de uma intenção comunicativa, finalizando-se com as estruturas linguísticas efetivamente realizadas.

Subordinação adverbial e tipos semânticos

De uma perspectiva tipológica, Hengeveld (1993, 1996, 1998) analisa a subordinação adverbial segundo a interação de parâmetros semânticos e formais. Ficam implicados aí dois objetivos principais: (i) observar em que medida o tipo semântico da oração subordinada impõe restrições à sua codificação morfossintática, principalmente à seleção das formas verbais empregadas; (ii) observar o modo como os diferentes tipos de oração adverbial são codificados numa língua. Para essa classificação, Hengeveld propõe os seguintes parâmetros: (i) Tipo de entidade, (ii) Referência Temporal, (iii) Factualidade e (iv) Pressuposição.

De acordo com o primeiro parâmetro, as orações são distinguidas pelo tipo de entidade que designam, que pode ser de *zero ordem* (se designam uma propriedade ou relação), *segunda ordem* (se designam um estado-de-coisas), de *terceira ordem* (se designam um

conteúdo proposicional) e de *quarta ordem* (se designam um ato de fala). É importante ressaltar que as entidades de primeira ordem (que designam indivíduos) somente podem ser expressas por termos e, por essa razão, não podem ser consideradas na classificação das orações adverbiais.

O segundo parâmetro diz respeito à dependência temporal da oração adverbial em relação à oração núcleo, diferenciando as orações com *Referência Temporal Dependente* (RTD) ou *Referência Temporal Independente* (RTI). Pérez Quintero (2002) afirma que esse parâmetro somente é válido para as orações de segunda ordem, já que as orações de terceira e quarta ordem necessariamente apresentam referência temporal independente.

Pelo terceiro parâmetro, factualidade, distinguem-se as orações adverbiais em *factuais*, se designam uma entidade como real (estado de coisas), verdadeira (proposição) ou assertiva (atos de fala), ou *não factuais*, quando as entidades são descritas no sentido oposto aos anteriormente mencionados, ou seja, não real, não verdadeira e não assertiva.

Por fim, conforme o quarto parâmetro, pressuposição, o falante infere, a partir do conhecimento que possui, o conteúdo descrito pela adverbial como *pressuposto* ou *não-pressuposto* a ser factual ou não-factual.

Metodologia

A pesquisa aqui apresentada é parte do projeto *Construções subordinadas nas variedades lusófonas: uma abordagem discursivo-funcional*, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional, cujo objetivo é a investigação das relações subordinadas nas variedades lusófonas, incluindo as completivas, as adjetivas e as adverbiais. O foco do projeto está em descobrir as motivações funcionais subjacentes à relação entre as estruturas morfossintáticas usadas para codificar relações de dependência e as situações conceituais que elas expressam.

Assim, como *corpus* principal do presente trabalho considerou-se o *corpus* Português oral, desenvolvido no âmbito do Projeto “Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais”, que contém amostragens de variedades do português falado em Portugal, no Brasil, nos países africanos de língua oficial portuguesa e em Macau.

Tendo em vista a baixa produtividade do tipo oracional investigado no *corpus* acima, considerou-se também dados do *Cópus* do Português, coletados no website <www.corpusdoportugues.org>. Trata-se de um banco de dados com mais de 45 milhões de palavras em quase 57.000 textos, que contemplam as variedades do português brasileiro e europeu, nos registros oral e escrito, num período que vai dos séculos do XIV ao XX. Para este trabalho, especificamente, foram considerados apenas dados dos séculos XIX e XX.

A oração adverbial de adição no português

Em português, a oração subordinada de adição é atualizada pela locução prepositiva ‘além de’, formada pela combinação do advérbio **além** e a preposição **de**, como em:

- (8) E ficamos ali até meia noite e meia, quer dizer, cada um tinha seu compromisso, seu, a esposa esperando, eu não, é lógico, mas eles tinham e foi muito gostoso porque a partir dali nasceu uma amizade mais gostosa com o professor. **Além de ele ser o professor, ele foi o amigo da**

gente. Então quer dizer muito mais evento desse deveria acontecer, não só com eles em si mas com a família deles, tudo. nós, como eu te falei vira uma família, a escola. então foi gostoso... (Bra93:FestaEstudante)

O tipo de relação estabelecida aí vai além da adição neutra, verificada pela conjunção **e**. A expressão **além de** evidencia certa hierarquia entre os eventos descritos, e apresenta o primeiro como sendo conhecido do ouvinte e a partir dele acrescenta um segundo, mais relevante ou de maior destaque. Essa relação pode ser realçada pelo uso do advérbio **ainda**:

- (9) **além de prover os gêmeos com seu leite salvando-os da morte**, alimentou os meninos (19Or:Br:Intrv:Pov)
- (9') **além de prover os gêmeos com seu leite salvando-os da morte**, AINDA alimentou os meninos (19Or:Br:Intrv:Pov)

A análise das orações adverbiais no corpúsculo revelou que as orações adverbiais de adição, diferentemente de outras adverbiais, não realizam nenhum tipo de função retórica no nível interpessoal. Nesse nível, elas são analisadas como um único ato do discurso, formado por dois conteúdos comunicados, como no exemplo:

- (10) já publiquei mais de 1000 páginas de quadrinhos em fanzines e revistas, **além de ter criado dezenas de capas de livros, revistas e zines** (19Or:Br:Intrv:Web)
- (M₁: [(A₁: [(F₁: ILL (F₁)) (P₁)_S (P₂)_A (C₁: [já publiquei mais de 1000 páginas de quadrinhos em fanzines e revistas] (C₁)) (C₂: [ter criado dezenas de capas de livros, revistas e zines] (C₂))] (A₁))] (M₁))

em que as orações núcleo e aditiva são analisadas, respectivamente, como os conteúdos comunicados (C₁) e (C₂), respectivamente, que juntos formam o ato do discurso (A₁). Isso porque a relação entre essas orações não se dá em termos de adequação ou relevância comunicativa, como ocorre no caso das orações que se realizam com algum tipo de função retórica. Essas orações atuam especificamente no nível representacional, mais precisamente na camada da predicação, em que servem para expressar o acréscimo de um evento a outro. Vejam o exemplo:

- (11) e o tempo o ajudara, **além de enriquecê-lo**, aumentara-lhe a beleza (19Or:Br:Intrv:Pov)

Notem que há aí dois eventos:

Evento 1: enriquecer

Evento 2: aumentar a beleza

Observou-se, a partir do corpúsculo, que as aditivas sempre ligam eventos, não havendo casos de orações aditivas juntando proposições. Esse fato se deve à própria natureza da relação verificada pelo **além de**, que serve para indicar o encadeamento entre dois segmentos, o que não pode ser feito com proposições, que exigem relações semânticas de outra natureza, tais como causalidade, inferência epistêmica, etc.

Desse modo, no nível representacional, a oração subordinada adverbial de adição pode ser analisada como dois eventos que formam um episódio, dentro de um conteúdo proposicional. Os episódios são entendidos, na GDF, como um conjunto de estados de

coisas semanticamente coerentes, no sentido de que possuem continuidade de tempo, lugar ou indivíduo. É esse o caso das orações adverbiais de adição, que trazem dois eventos nos quais se verifica, necessariamente, correferencialidade do sujeito, já que nelas se faz referência sempre a um mesmo indivíduo:

- (12) **além de acabar com a tua profissão**, ela é mais determinística que mapa astral (19Or:Br:Intrv:Pov)

Na maioria dos casos, o sujeito da oração aditiva vem realizado por anáfora zero, exatamente porque pode ser recuperado na oração principal. A oração adverbial de adição pode ser assim analisada:

- (13) pois *a fome do corpo*, **além de passar**, pode ser perfeitamente saciada com carnes de outra espécie (19:Fic:Br:Gomes:Rios)

(p_i): [

(ep_i): [(e_i: a fome do corpo pode ser perfeitamente saciada com carnes de outra espécie) :

(e_j: passar)_{add}] (p_i))

Tem-se em (13) uma proposição (p_i) formada de um episódio (ep_i), no qual verificam-se dois estados de coisas (e_i) e (e_j), cuja unidade temática se dá pela identidade do indivíduo descrito em ambas as orações. As duas orações referem-se ao mesmo indivíduo (x_i) – ‘a fome do corpo’, designado na oração principal e recuperado na oração aditiva por anáfora zero.

Os eventos descritos pela oração aditiva são sempre factuais, já que descrevem um estado de coisas como sendo real, como se vê no exemplo:

- (14) **Além de gastar tudo quanto herdei de papai**, foi-se matar por causa de uma vagabunda (19:Fic:Br:Montello:Silencio)

Mesmo quando a realidade do evento vem negada, a oração aditiva descreve a realidade da não-realização do estado de coisas:

- (15) **Além de não limpar a casa**, ainda fez mais bagunça.

A factualidade do estado de coisas descrito na oração aditiva é determinada pela própria natureza da relação especificada pelo **além de**, que apresenta o evento como dado, como algo que não pode ser negado/duvidado nem pressuposto, daí a natureza factual do evento nela descrito. Uma vez que a aditiva é apresentada como dada, ela é também pressuposta, já que o falante enuncia seu conteúdo como sendo do conhecimento do ouvinte.

A respeito da referência temporal, a oração adverbial de adição não pode instaurar, ela própria, sua referência temporal, ficando, assim, dependente da referência temporal realizada pela oração núcleo com a qual se relaciona. O verbo da oração de adição ocorre, preferencialmente, com formas não-finitas – infinitivo e infinitivo flexionado – confirmando o estatuto dependente dessa oração. É o que ilustram, respectivamente, os seguintes casos:

- (16) Lá, **além de tocar**, eu também canto. (19Or:Br:Intrv:Tar)

- (17) **além de receberem sua cota**, ainda eram incentivadas pelos mais velhos a cantar (19:Fic:Br:Gomes:Rios)

Veja-se que, em (16), a noção de referência de presente é atribuída pela forma verbal que figura na oração núcleo. Do mesmo jeito, a referência de passado também é atribuída à oração aditiva em (17) pela forma verbal descrita na oração principal.

Mesmo no caso de formas verbais finitas, a oração de adição deve seguir a referência temporal da oração matriz. Essa dependência é icônica à diferença que parece haver no grau de relevância dos eventos relatados, uma vez que a oração de adição acrescenta um evento secundário a um evento principal, descrito na matriz, é natural que sua temporalidade esteja atrelada a esse evento.

No nível morfossintático, as orações aditivas são analisadas como duas orações – (CL₁) e CL₂) – no interior de uma expressão linguística (Le₁), sendo uma delas marcada pelo traço dependência, característico da subordinação:

(Le₁: [(CL₁) (^{dep}CL₂)] (Le₁))

Veja-se que essa estrutura é diferente daquela encontrada nas orações aditivas coordenadas e correlativas. As correlativas, como se vê abaixo, são mutuamente marcadas pelo traço dependência, indicando a relação de equiordenação, nos termos da GDF. Por outro lado, as orações coordenadas não recebem esse traço, já que são autônomas sintaticamente. É o que se ilustra pela representação de correlativas e coordenadas proposta pela GDF:

(Le₁: [(^{dep}CL₁) (^{dep}CL₂)] (Le₁)) - CORRELATIVAS

(Le₁: [(CL₁) (CL₂)] (Le₁)) - COORDENADAS

Característica peculiar das orações subordinadas aditivas é que, diferentemente de outras orações adverbiais, que se realizam com formas verbais variadas, aquelas se caracterizam por apresentar formas verbais específicas, tal como foi mencionado anteriormente. Na oração introduzida por **além de** figuram apenas formas não-finitas, especificamente, o infinitivo.

Como se vê nas demais orações adverbiais do português, também nas aditivas o conectivo responsável por instaurar a relação de adição ocupa a posição P¹, posição especialmente destacada para conjunções:

(18) P¹
Além de se servir de Janáina, batia nela

No que diz respeito ao padrão de ordenação dos constituintes no interior da expressão linguística (Le₁), as subordinadas aditivas ocorrem na preposição (P^{pre}), posição favorita, podendo ocorrer também na posposição (P^{post}). A oração principal ocorre, na posição central (P^{centre}), posição reservada ao núcleo na GDF:

(19) P^{pre} P^{centre}
além de não conhecer ninguém fora do circo | perdera seu único amigo no mundo

(20) P^{post} P^{centre}
ainda tenho de fazer visitas | **além de ir buscar dez mil reis da cumadre Raimundinha**

É relevante destacar, ainda, que nas orações de adição, verifica-se a correferencialidade do sujeito, ou seja, há uma identificação entre o sujeito da matriz e da núcleo, como se vê:

- (21) **Além de Ø pintar**, a artista tem outra especialidade: viajar pelo mundo e registrar, com sua máquina fotográfica, lugares especiais. (19Or:Br:Intrv:ISP)
- (21') **Além de A ARTISTA pintar**, A ARTISTA tem outra especialidade: viajar pelo mundo e registrar, com sua máquina fotográfica, lugares especiais. (19Or:Br:Intrv:ISP)

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi descrever a oração subordinada adverbial de adição. Tradicionalmente concebida como um caso de coordenação ou correlação, a noção de adição pode ser expressa também por estruturas subordinadas, em geral introduzidas pela locução prepositiva 'além de'. Para tanto, usou-se a teoria da GDF, de Hengeveld e Mackenzie (2008) e os parâmetros semânticos elencados por Hengeveld (1993, 1996, 1998) e Pérez Quintero (2002). Mostraram-se especialmente relevantes para a análise da oração subordinada de adição os níveis representacional e morfossintático. Verificou-se que a oração subordinada de adição se caracteriza, especialmente, por descrever um evento como pressupôs a ser factual e por realizar-se com referência temporal dependente da oração núcleo. Além disso, a oração subordinada de adição seleciona necessariamente formas verbais não-finitas.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- HENGEVELD, K. The internal structure of adverbial clauses. *EUROTYP Working Papers*, [s.l.], v. 5, 1993.
- _____. The internal structure of adverbial clauses. In: DEVRIENDT, B. et al (Eds.) *Complex structures: A functionalist perspective* (Functional Grammar Series 17). Berlin: Mouton de Gruyter, 1996. p. 119-147.
- _____. Adverbial clauses in the languages of Europe. In: VAN der AWERA, J. (Ed.) *Adverbial Constructions in the languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1998, p.335-419.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: A Typologically-Based Theory of Language Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- MÓDOLO, M. As construções correlatas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 1089-1102.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

NEVES, M. H. M. et al. As construções hipotéticas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 937-1020.

PÉREZ QUINTERO, M. J. *Adverbial Subordination in English*. A Functionalist Approach. Amsterdam/New York: Rodopi, 2002.